



Diretor- Redator-Chefe: Sebastião A. B. de Carvalho (ABI)

Vice-Diretora: Rosa Maria Werneck Rossi de Carvalho

DIVULGANDO A LITERATURA E AS ARTES PLÁSTICAS

ANO: 02

NOVA FRIBURGO RJ, 2 de março de 2015

Nº 05

A derrubada dos eucaliptos da Praça Getúlio Vargas mudou para sempre a feição do antigo logradouro...
Cumpra, agora, reconstruí-lo e melhorar a sua condição...

ANTES



AGORA



Uma tragédia que pode ser superada!...

Sebastião A.B. de Carvalho, editor do JCNF

O açodamento com que foi atacado o problema das quedas de galhos dos eucaliptos da Praça Getúlio Vargas, causado pela preocupação com os habitantes da cidade e seus visitantes, -- resultou na destruição de um patrimônio natural!

Acreditamos na honestidade e retas intenções de nossos administradores, que, eles também, foram vítimas de fatos desoladores. Aliás, não adianta ficar “caçando culpados” quando o que nos cabe, agora, é restaurar a nossa praça, de tão gratas recordações!...

Vivemos uma época de grandes recursos tecnológicos, de modo que essa restauração pode redundar na construção de um ambiente ainda mais aprazível e belo.

Basta que recursos sejam mobilizados e usados na grande tarefa que se nos impõe, de modo

que a Praça Getúlio Vargas venha a não só recuperar o que perdeu, mas passar a ostentar uma aparência ainda mais bonita, além de oferecer mais conforto e segurança a seus frequentadores e visitantes.

Nova Friburgo, a cidade das Trovas e da poesia de um modo geral, cantada em verso e prosa por literatos de fama nacional, deve continuar nesse alto *status*, sendo a Praça Getúlio Vargas um dos locais mais exaltados, dos muitos que a cidade possui.

Assim se expressa. a nosso pedido, sobre a praça, a rainha da trova, **Elisabeth Souza Cruz:**

A praça, que é nossa herança,
há de ganhar seu renovo
com sementes de esperança
e a união de todo o povo!

Mensagem do Diretor do Jornal Cultural



Jornalista Sebastião A.B. de Carvalho

Minha vida em Nova Friburgo

CONHECI Nova Friburgo quando ainda morava em Cantagalo e trabalhava no jornal de meu pai. Após o ano 1963, fui morar em Niterói e, já na década de 1970, fiz várias incursões à zona rural de Nova Friburgo, visitando notadamente a localidade de Salina, para onde me dirigia, com amigos de Niterói, conforme a foto abaixo.



José Antonio, sociólogo; Carlos, professor de Inglês; Júlio Celso, engenheiro e Sebastião, sociólogo, vendo-se ao fundo os picos de Salina. Do grupo, José Antonio e Carlos eram ainda estudantes. Apenas Sebastião e Júlio Celso já eram formados.

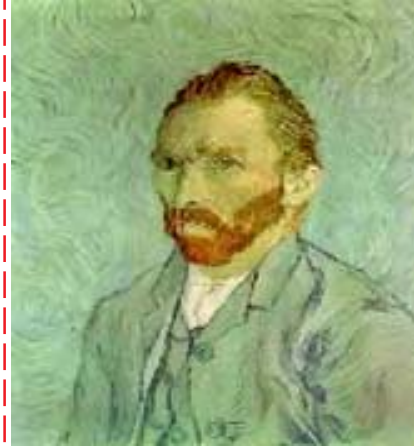
CURSEI Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia N.S. Medianeira, dos padres jesuítas, que funcionava no Colégio Anchieta. Paralelamente, eu trabalhava nos Correios de Nova Friburgo, como telegrafista (Morsista), numa época em que não havia computadores como hoje... Ajudava também na confecção do jornal semanário O NOVO CANTAGALO, aproveitando folgas dos Correios.



Neste prédio do Colégio Anchieta, vivi momentos de alegria e contentamento, no convívio com os padres jesuítas, que lecionavam na faculdade de filosofia. Participei de alguns fatos da rotina dos filósofos, como as refeições no grande refeitório e as defesas de teses.

ALTERNANDO Cantagalo e Nova Friburgo, fui levando uma vida produtiva e saudável, chegando a terminar o meu curso de Ciências Sociais, o que me garantiu passar num concurso para sociólogo do INPS (depois INSS) trabalhar e finalmente me aposentar condignamente, e hoje, morando aqui, faço este jornal, com alegria e devoção à arte!

Vincent van Gogh, mestre na pintura e na filosofia...



Estamos assumindo o extraordinário artista plástico VINCENT VAN GOGH como patrono de nossos trabalhos no âmbito das letras e das artes, tendo em vista não só a sua notável obra material, mas também o legado de suas considerações expressas em várias oportunidades, mostrando tratar-se de um Ser de alta envergadura espiritual.

van Gogh e a literatura

Vem da edição anterior

Esta foi a bagagem que ele levava quando iniciou uma carreira de artista. Ele via Michelet e Beecher Stowe como autores modernos, embora as novelas que ele mais admirava fossem antigas, de mais de 20 a 30 anos. Contudo, de acordo com ele, esta literatura moderna podia preencher uma função similar à que a Bíblia havia previamente feito, e talvez ainda melhor. Pouco depois ele encontrou a verdadeiramente moderna literatura de seus dias: as novelas naturalistas de Emile Zola, de quem se tornou um fervente admirador.

Ele então leu tudo do grande novelista francês que pudesse conseguir, e leu as novas novelas logo que apareceram. Zola foi mais do que um autor favorito. Ele foi um completo modelo, pois descrevia a vida nas favelas de Paris e nas vilas de mineradores, com insuperável realismo.

Foi também objetivo de Van Gogh interpretar diretamente o que ele via ao seu redor: trabalhadores agrícolas, um velho debulhador de sementes, mulheres lamentando-se ou trabalhando, uma cozinha com sopa, uma árvore, dunas e campos, botes na praia.

Ele também leu ensaios de Zola sobre arte em *Mes haines*, e como um artista concordou plenamente com sua famosa definição de arte, que parafraseou para Theo: 'Cada qual vê a natureza através de seu próprio temperamento'.

Continua na próxima edição...

Um quadro de van Gogh

Gerânio num vaso

Óleo sobre tela / Paris, França: Verão, 1886



(Traduzido e condensado de Van Gogh Gallery of Art por SABC)

Atrações Turísticas de Nova Friburgo

LUMIAR, distrito de Nova Friburgo



Praça Central de LUMIAR foto SABC 2015

Localiza-se a cerca de 35k do centro de Nova Friburgo o seu distrito denominado LUMIAR, ao qual se chega pela RJ-142. É uma vila bucólica, encravada na Serra Fluminense, a aproximadamente 700 metros de altitude. A altitude explica a temperatura mais agradável no verão e o frio mais intenso no inverno. Está em área de Mata Atlântica na Reserva Florestal de Macaé de Cima, onde nasce o rio Macaé, que gerou nome ao município de Macaé. Este rio propicia o surgimento de grande parte das cachoeiras da região, através de seus vários desníveis.

A tranquilidade da vila, de colonização suíça, o clima agradável, as matas e as cachoeiras são os maiores atrativos de Lumiar, que era uma fazenda do nobre francês Felipe de Roure. Ele deu este nome à localidade por causa da vila em que nasceu sua esposa Michaela d'Abreu, em Portugal.

De beleza natural impressionante, com ambiente florestal intocado, a região possui inúmeras belezas naturais, como as corredeiras do Rio Macaé, o Encontro dos Rios, a Pedra Riscada e extensas regiões de Mata Atlântica preservada. Piscinas naturais, mais de 30 trilhas para serem percorridas de jipe, moto, bicicleta ou a pé, oferecendo ao visitante esportes de canoagem, mountain biking, trekking e escalada.

Encontram-se em Lumiar restaurantes simples e charmosos, boa música, ruas de uma típica vila do interior, com lojinhas de artesanato. O Bar do Vovô é onde se tem as melhores informações sobre a região. No centro de Lumiar, na praça Carlos Maria Marchon, há o antigo chalé da família De Roure, adquirido posteriormente

por Carlos Maria Marchon seguido de Eugênio Guilherme Spitz, hoje um espaço comercial, de artesanato, bares e restaurantes. Próxima à praça encontra-se a Igreja de São Sebastião, padroeiro de Lumiar, construída em 1901. O artesanato feito nos ateliês e os restaurantes e bares, com música ao vivo, tem famosos fondues e chocolates, além da truta, peixe dos rios da região.

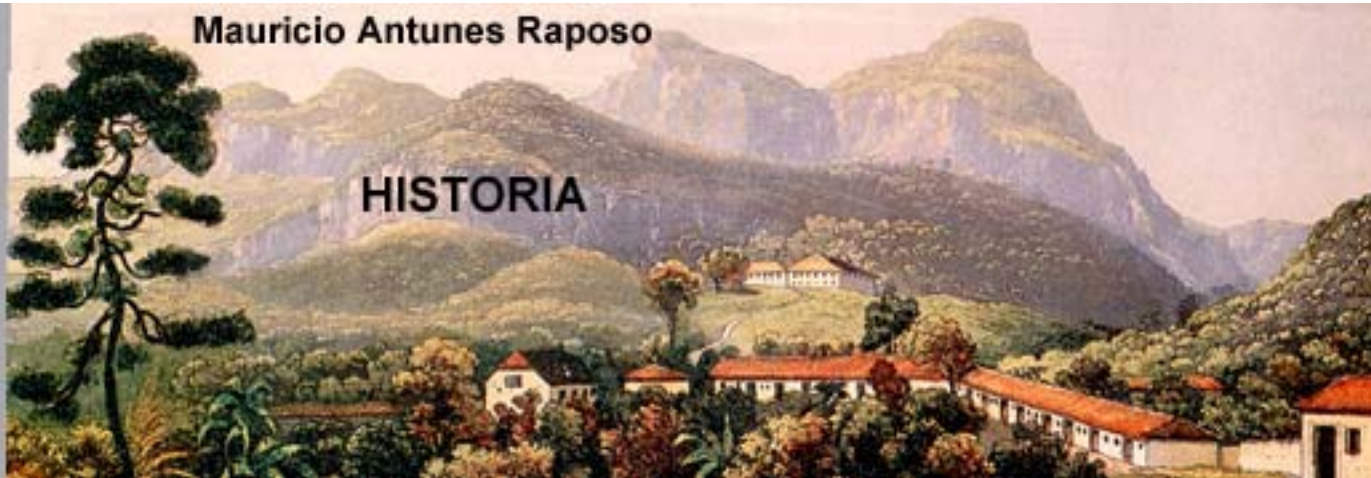
São também imperdíveis as tradicionais festas da região. como as Festas de São Sebastião, em janeiro, a tradicional Festa de São Pedro em junho e em julho a Festa da Vila Mozer. O Campeonato de Canoagem em setembro ou as Festas do Aniversário de Lumiar, em 10 de outubro. (Wikipedia).



Muito procurado é o POÇO FEIO, (foto) com sua bela queda d'água e sua prainha. Ele nada tem de feio, mas foi assim apelidado pelos antigos habitantes do local, para evitar que suas crianças fugissem para lá, arriscando-se nas inundações que costumavam ocorrer, sem prévio aviso, com risco de vida!



Mauricio Antunes Raposo



Rio 40 Graus

No dia primeiro de março, a cidade do Rio de Janeiro comemora 450 anos de fundação. Privilegiada por sua beleza natural que encantou os viajantes estrangeiros de várias épocas o Rio sempre se caracterizou historicamente por sua ambiguidade de ser uma metrópole de virtudes e de problemas.

Fundada por Estácio de Sá, em 1565 para consolidar a presença do conquistador português, em face dos franceses e dos grupos indígenas que não aderiram à colonização lusitana, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro teve sua certidão de nascimento registrada por uma guerra sangrenta que custou a vida de milhares de tupinambás que habitavam todo o litoral do atual Estado do Rio de Janeiro.

As tribos indígenas organizadas em uma confederação denominada de Tamoios, sitiadas na região de Angra dos Reis e lideradas pelo chefe tupinambá Cunhambebe, lutaram e resistiram durante cinco anos à investida dos portugueses que saíram vitoriosos no dia 20 de janeiro de 1565, dia do santo São Sebastião, um soldado romano que se transformou em mártir ao se converter ao cristianismo, sendo preso e condenado à morte. Por ter agraciado a vitória dos conquistadores portugueses, neste dia de feroz batalha, se transformou em padroeiro de todos os cariocas. Até hoje, a sua veneração é uma das maiores manifestações religiosas da cidade.

A partir deste momento, a história do Rio de Janeiro teria esta marca traçada entre a trajetória da violência de seus governantes contra seus habitantes e a pujança de uma metrópole de grande importância política para o Brasil e o mundo. A intolerância de sua elite perante uma sociedade de contrastes culturais, políticos e econômicos representou para sua história o contraste de uma sociedade ambígua entre o sagrado e o profano, o liberal e o conservador, o pobre e o rico, o legal e o ilícito, brasileiros versus portugueses, temperaturas extremamente quentes e uma floresta tropical urbana e única no mundo.

A cidade maravilhosa, nos versos de uma marchinha de carnaval que se transformou no hino da cidade, imortalizou os seus personagens ilustres e na maioria das vezes anônimos, no mundo do samba, da bossa nova e do futebol. Os grandes “bambas” do samba traduziram suas angústias, medos e paixões de uma cidade, nem sempre aberta para eles, em eternas letras musicais conhecidas além das águas da Guanabara. Os imortais compositores da bossa nova levaram o jeito de ser do carioca para o mundo como “Chega de Saudade”, trilha sonora do filme brasileiro Orfeu do Carnaval, aplaudido no final da década de cinquenta pela crítica cinematográfica.

Parafraseando Vinícius de Moraes “e por falar em saudade, onde anda você?...” onde está o tradicional espetáculo do futebol carioca que arregimentava suas torcidas no eterno palco do Maracanã? Onde estão os “geraldinos” que com pouco dinheiro conseguiam assistir aos seus times do coração, próximo ao campo e junto de seus ídolos? Perguntas, cujas respostas

ficaram para trás, naquele Rio de Janeiro que abraçava o povo nos momentos de suas festas populares que aconteciam por toda a cidade. Sem precisar da presença policial militar, de viaturas, centro de comando e de UPPs a população participava de todos os momentos de sua festa.

Atualmente os megaeventos estão restritos a uma pequena burguesia que sustenta a ideia de que os grandes acontecimentos esportivos e culturais trazem ganhos financeiros para a cidade, além de considerar como sendo manifestação de toda a sociedade. Será que isto “cola”? O tempo e a história dirão!

De todas as formas, quero parabenizar a cidade do Rio de Janeiro pelos seus quatrocentos e cinquenta anos. Uma cidade que outrora fora Corte Imperial, capital da República, cidade-estado da Guanabara e que atualmente é a casa de inúmeros cariocas, brasileiros e estrangeiros imbuídos todos, de uma forma ou de outra, por uma cidade mais justa e fraterna. Viva o Rio! Viva o seu povo! Fora o calor...

O Prof. Maurício Antunes Raposo é Historiador e Especialista em História Regional do Rio de Janeiro.

E-mail: mauraposo@ig.com.br.

“O Rio de Janeiro continua lindo...”

Sebastião A.B. de Carvalho

Os meios de comunicação estão, atualmente, cheios de más notícias, de trânsito caótico, violência desenfreada, roubos, agressões, assassinatos, enfim um inferno que o habitante das cidades tem que enfrentar.

O Rio de Janeiro, que comemora 450 anos bem vividos, não foge à regra de uma grande cidade, uma metrópole cheia de problemas que atormentam o cidadão. Mas, apesar de tudo, as coisas boas se conservam, justamente porque, além da estonteante e extasiante beleza natural, há o estado de espírito do carioca, que todos reconhecem como sendo ímpar, especial...

Sim, é o espírito jovial, alegre, brincalhão do carioca que colore os eventos, oficiais ou não, que a cidade promove, seja um pequeno ou um megaevento...

O Carnaval é o exemplo mais gritante dessa qualidade especial, conferida pela população, mas temos ainda eventos esportivos e artísticos, quando o povo comparece em massa e se diverte a valer.

Assim é o nosso Rio de Janeiro, cujo clima tropical pode castigar no verão, com temperaturas elevadas, mas que sempre se destacará pelo calor humano... e NUNCA nos congelará, com neve!...



NESTA página vamos abordar as vidas e obras de vultos que deixaram marcas positivas na vida do Município de Nova Friburgo. São pessoas que construíram exemplos dignificantes de amor à terra e ao povo, e que por esta razão devem ser para sempre lembradas com carinho, respeito e admiração.

Dr. Heródoto Bento de Mello - administrador público

Com a vitória do golpe militar de 31 de março de 1964, e a conseqüente renúncia do prefeito que governava o Município, assume o Poder Executivo o Dr. Heródoto Bento de Mello.

Inicia sua administração promovendo importantes reformas administrativas, como a criação e instalação de novos órgãos municipais: Fundação Educacional e Cultura de Nova Friburgo, Serviço Autônomo de água e Esgotos, Diretoria dos Serviços Urbanos e Urbanismo e Obras;



Serviço de Turismo e Certames, Serviços de Assistência Social,

Ele ainda implantou o novo Código Tributário. Realizou inúmeros planos de obras, dentre as quais, a remodelação completa do primeiro trecho da Praça Getúlio Vargas, da Praça Marcílio Dias e da Praça 1º de Maio, em Olaria.

O Dr. Heródoto celebrou convênio com o IBAM para a reorganização dos serviços municipais, e outro convênio para financiamento do novo sistema de abastecimento de água. Aparelhou as repartições municipais de mobiliário condigno e máquinas modernas; adquiriu nova frota de veículos e máquinas de terraplanagem.

Em colaboração com o Estado, o prefeito constrói inúmeras salas de aula, reestrutura o funcionalismo e realiza obras públicas diversas: alargamento de avenidas, reconstrução de jardins, iluminação pública, pavimentação, além de obras viárias e estradas.

É também realização sua a criação e instalação da Procuradoria Municipal, do Serviço de Oficinas e Transportes, e ainda dentro das reformas feitas nos órgãos municipais, a criação das Administrações Regionais. Heródoto promove, também, a realização do Cadastro Imobiliário e a implantação do Plano Diretor da Cidade.

(fonte: Prefeitura Municipal de Nova Friburgo)

Licenciando-se do governo municipal, por motivo de saúde, e não tendo conseguido se recuperar com condições de reassumir o poder, o Dr. Heródoto distribuiu uma carta, da qual transcrevemos parte, retirada de site da TV ZOOM:

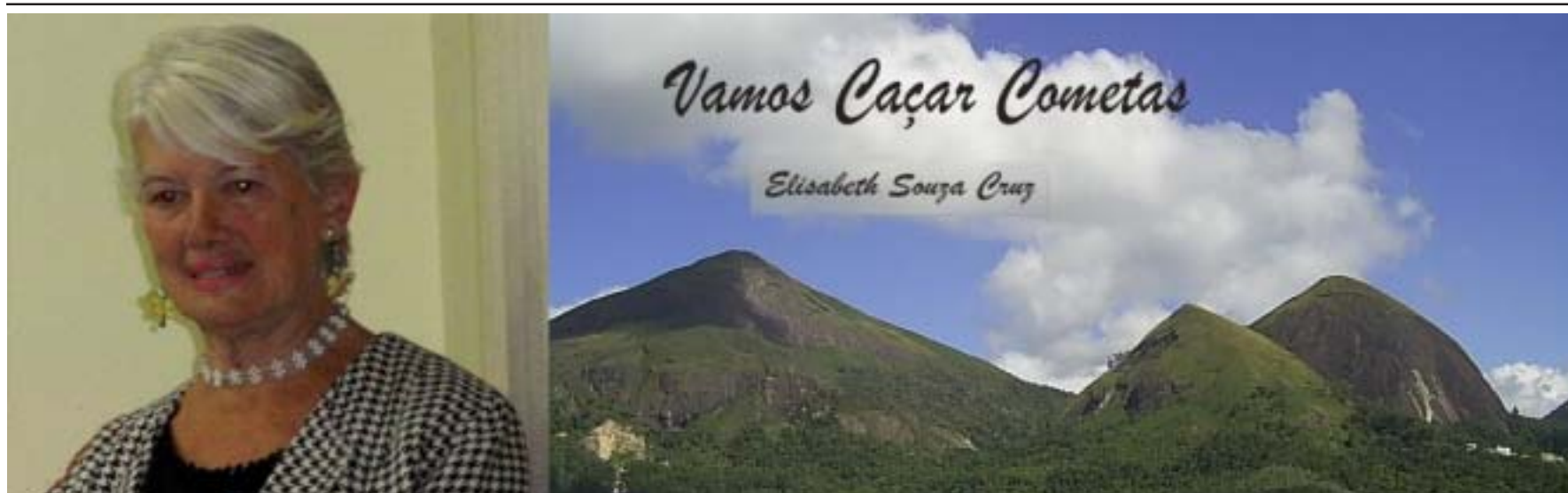
“Minha vida foi dedicada a planejar e trabalhar por um município diferente, melhor, vibrante. Mas nas últimas décadas não tenho conseguido realizar os planos. Brigas políticas, incompetência de alguns governantes,

desonestidade em várias esferas públicas e tragédias climáticas. Tudo isso criou um grande pacote negativo que arrastou Nova Friburgo para longe do seu destino.

No curto período em que estivemos na Prefeitura, neste último mandato, estávamos enfrentando muitos problemas herdados dos anteriores, mas estávamos avançando. A saúde começava a melhorar (existem números que comprovam isso), exigimos da concessionária de águas as estações de tratamento, resgatamos os festivais de inverno, lançamos o carnaval da família, fizemos um plano de marketing para a cidade que já começava a abrir oportunidades, estávamos atraindo novos investimentos da Suíça e da Espanha, entre outras ações.

Na época em que sofri o acidente, estávamos às vésperas de colocar grandes projetos em prática. A reurbanização dos bairros de Olaria, Conselheiro Paulino e do Centro da cidade já tinham projetos prontos para licitação e dinheiro em caixa. Assim como o grande projeto da Nova Cidade, com mais de 2500 casas. Mas quem assumiu a prefeitura quando eu caí preferiu jogar tudo no lixo, por vaidade, por politicagem, por estupidez ou por tudo isso junto. Muitos ridicularizaram o projeto do trem do futuro que, na verdade, é apenas um VLT – veículo leve sobre trilhos – que hoje grande parte das cidades brasileiras está implantando, até a vizinha Macaé. O VLT retiraria grande parte dos ônibus do centro, reduziria em muito o problema do trânsito e da poluição e nos daria uma opção de transporte público de qualidade. Acompanhei a recente greve dos rodoviários e ficou evidente a necessidade de contarmos com alternativas. Não são as vans ou lotadas que resolverão. Isso só iria piorar a situação. E mais, poucos sabem, mas dois grupos empresariais se apresentaram interessadíssimos em investir no projeto que estava em fase final de estudos de engenharia. Muitos foram os projetos jogados no lixo porque ficaram associados ao meu nome. Por isso preciso lhes dizer: reafirmo a fé nas ideias que apresentei e me despeço da autoria deles. Peço aos que vierem a assumir o poder público que avaliem as ideias, os projetos e os planejamentos como eles são, propriedades do povo de Nova Friburgo. E, se quiserem, que se apoderem deles, mas que os realizem sempre pensando no futuro, no crescimento, na recriação de Nova Friburgo”

(A foto do Dr. Heródoto, que ilustra este artigo, é do site da TV ZOOM, à qual agradecemos).



A Lição do figo

A tragédia de 12 de janeiro de 2011 marcou Nova Friburgo no cenário mundial. O acontecimento, que desolou o povo friburguense, trouxe, para todos nós, experiências marcantes de emoções como tristeza e superação, desespero e solidariedade, entre outras.

Em meio aos episódios de desolação da cidade em geral, cada um de nós tem alguma história para contar, além de tudo o que foi visto, vivido e sofrido por todos.

Sobre pequenos acontecimentos, por exemplo, quero falar do meu pé de figo, que, até então, era um arbusto exuberante. Já bem criado, sua altura dificultava a colheita dos frutos e, para os doces do Natal de 2010, a safra não fora das melhores. Com a tempestade e os fortes ventos na noite da tragédia, o arbusto não resistiu, e seu tronco, partido, caiu por terra, anulando anos e nos de cultivo.

É claro que eu nem tinha o direito de reclamar o ocorrido, porque, ante a dimensão da catástrofe, lamentar a perda do pé de figo teria sido até egoísmo. Mas, de qualquer forma, dava dó vê-lo em seu juízo final, definindo dia após dia.

Os meses se passaram, e ele virou um amontoado de galhos secos. Entretanto, no mês de julho, ainda em 2011, para minha surpresa, avistei uma folhinha verde em meio à galharia. Não demorou muito, novas folhas e, em setembro, mesmo caído, ele estava todo verdejante. Daí em diante, os frutos começaram a nascer e, em dezembro, quando fui colhê-los para o doce natalino, fiquei maravilhada com a quantidade da safra.

Além do mais, foi muito mais fácil fazer a colheita, porque os galhos em maioria estavam no chão. E, se nos outros anos eu tinha de ter uma escada para pegar os mais altos, dessa vez precisei me abaixar. Os frutos estavam ao alcance das mãos.

Diante da cena incrível, pensei: o tomo fez bem a esse danadinho! Refletindo mais sobre o ocorrido, foi rápido fazer analogias, e logo me lembrei de uma canção que diz: “Levanta, sacode a poeira, dá a volta por cima...”

Comparado ao pé de figo, assim é o ser humano: cai e, quando se levanta, está mais forte. Depois da queda é que se apruma e fica ainda muito mais guerreiro! Tem sido assim com todo mundo que vence uma dificuldade. Tem sido assim com essas pessoas incríveis, os heróis anônimos das batalhas da vida.

Salvemos as árvores!

Sebastião A.B. de Carvalho

A Praça João XXIII, de Cantagalo, com suas palmeiras centenárias e pássaros canoros, dos quais se destaca o melro, cantado em verso e prosa pelos poetas da Terra, foi sempre objeto de admiração, na minha juventude...

No meio da praça há um monumento ao melro, que nos leva, ao vê-lo, à poesia de Arthur Nunes da Silva > **“Minha Terra tem palmeiras, em cujos seios macios, manhãs e tardes inteiras cantam melros luzidios...”**

E vai por aí o nosso poeta, cantando sua Terra, seus melros e palmeiras...

Arthur Nunes da Silva foi amigo de meu pai, o jornalista Antonio Ferreira de Carvalho, e um dos ilustres cantagalenses que saudaram e aplaudiram o surgimento do nosso jornal CANTAGALLO NOVO.

Mas o amor e o cuidado pela Praça dos Melros sempre existiram nas mentes e nos corações dos cantagalenses. Nunca se permitiu que as palmeiras e mesmo algumas outras árvores fossem cortadas. A população preferiu, sempre, aceitar o risco das quedas de galhos das árvores e de folhas das palmeiras, a perder o muito que elas oferecem em termos de beleza e bem estar!

Eis um bom exemplo de convívio saudável com a natureza, que pode muito bem ajudar a plasmar, algures, uma correta mentalidade!



A educação e o preço dos produtos

Abordarei a diferença dos preços dos produtos dentro de uma estabilidade econômica, quando a economia não é afetada por crises e deixarei de lado as questões levantadas por Leo Hubermann em seu livro a História da Riqueza do Homem, quando fala dos preços marginais.

Por que um quilo da bananada de nossa querida vovó é mais caro que um quilo de banana colhido no sítio de propriedade dela? É uma questão bem simples: o quilo da banana dá emprego para uma pessoa. O empregado da vovó colhe o cacho, divide-o em quilos e vende por R\$1,00 cada um. A vovó, quando faz a bananada, dá emprego para um grupo muito maior de pessoas: ela usa açúcar e ativa a agroindústria, usa papel celofane para embrulhar o produto, quando cozinha ativa a prospecção de gás que, por sua vez, depende de transporte até a cozinha ou de dutos. Tanto num quanto noutro foram usados produtos siderúrgicos.

Como se vê, a inteligência e o conhecimento da vovó enquanto proporcionam mais empregos, criam condições para este preço diferenciado e, portanto, podemos perceber sem devaneios que o maior conhecimento cria valor agregado a inúmeros produtos.

Podemos ir mais longe: quando compramos um HD para algum computador e ele é um pouquinho mais poderoso que os HDs comuns, o preço será, aproximadamente, de 250 dólares.

Se considerarmos os celulares, a mesma coisa: enquanto montamos celulares no Brasil e os revendemos lucrarmos muito pouco. Os cérebros que criam celulares ganham muito mais e, portanto, são geradores de mais empregos que a indústria de montagem.

A conclusão importante que se impõe neste raciocínio é que o tipo de educação que se promove num país determinará os salários e o preço dos produtos. Se prepararmos dentro de uma escola, pessoas que são especialistas em repetir em vez de criar, pessoas que aplicam receitas no lugar de desenvolver projetos, teremos produtos de preço baixo como o quilo da banana do sítio da vovó. Daí a importância do modelo educacional que se pretende instalar desde a educação infantil até o final da universidade.

Se, para o primeiro modelo, basta o ensino fundamental até incompleto, para o segundo, será necessário o ensino médio para todos e o ensino técnico e superior para um número bem maior.

Um exemplo bem prático dessa questão em relação aos salários foi o que presenciei em Tangará da Serra-MT, quando de um congresso de educação: as grandes colheitadeiras dependentes de

computadores, usando GPS e, portanto, envolvidas em sofisticação e delicadeza aliada à alta tecnologia contratam mão de obra feminina nas faculdades de computação da cidade. Restam aos que não estão estudando, salários mais baixos, que cobrem os trabalhos de mecânica e reparos nos pneus.

É nesse sentido que a educação poderá melhorar a vida social das pessoas e distribuir riqueza. O problema, neste século, está muito além da “mais valia” marxista, ele passa, inegavelmente, pelas salas de aula e por um projeto de educação marcadamente criativo, colorido pela complexidade e o mais livre possível das segmentações

Professor Hamilton Werneck é pedagogo, escritor e palestrante.
www.hamiltonwerneck.com.br

História da Riqueza do Homem

Sebastião A.B. de Carvalho

O livro de Leo Hubermann, do título acima, conta a história da espoliação do povo pelos detentores dos meios de produção.

Foi usado por ideólogos marxistas, na década de 70 especialmente, para combater o que designavam como “capitalismo selvagem”. E não foram poucos os que aprenderam noções importantes de economia lendo essa obra...

O que Leo Hubermann colocou não foi derrubado; apenas a exploração impiedosa não pode ser atribuída, hoje, apenas aos ditos capitalistas, quando vemos as condições absurdas de trabalho que dizem existir na China, que é comunista!

Observando e analisando a luta pelo poder, que coroa a luta pela sobrevivência e pode envolver pessoas e facções, assumindo várias formas, e podendo chegar às guerras, -- compreendemos a trágica situação da Humanidade, com países cobiçando as riquezas de outros, alimentando conflitos internos, para mudar os dirigentes e assim conseguir alterar o rumo de sua economia. Compreendemos o uso de propaganda, de palavras como democracia, liberdade de imprensa e outras, e direitos humanos, -- tudo para justificar interferências externas e o domínio dos mais fortes, seja econômica, seja militarmente. Compreendemos que a maioria das pessoas vota motivada por interesses próprios, e não por acreditar na excelência dos candidatos. Compreendemos que não é só no Brasil, mas em todo o mundo que acontecem casos horríveis de desonestidade e desenfreada ambição.

Que se lembrem disso, sempre, os brasileiros!

Os Invólucros do Ser

OBRA de mahabhutani e indrananda, inspirados por sri ramana maharshi - aqui publicada em capítulos mensais

1- O EU

A divisão do Eu em Eu Interno e Eu Externo, embora apenas um subterfúgio didático, pode ajudar na compreensão de aspectos importantes da evolução humana, a partir do indivíduo.

Entende-se como Eu Externo o conjunto formado pelo corpo físico e a personalidade. No bojo das mudanças do corpo físico, que se vai adaptando às condições do meio, emerge e desenvolve-se a personalidade, ao influxo das solicitações não só do meio físico, mas especialmente do social. Pessoas, instituições, situações várias, vão moldando a personalidade, que assimila conhecimento à medida em que o indivíduo cresce em tempo de vida. A cultura de onde se origina determina em grande parte o caráter da personalidade em formação.

Enquanto este Eu Externo se desenvolve, um outro Eu, interno, vai também se delineando...

Trata-se de um Eu destinado a viver livre das contingências da matéria, das mesmas condições que moldaram, no transcurso do tempo, as características do Eu Externo, constituindo-se em grandes limitações naturalmente impostas ao indivíduo.

A vida moderna, com tanto desenvolvimento tecnológico, que, entre outras coisas, faz da procura do *menor esforço* na execução de todas as tarefas, desde as de sobrevivência, um imperativo da modernidade, afasta-nos cada vez mais do conhecimento e do cultivo do nosso Eu Interno, mais afeito às coisas do espírito, fazendo-nos submergir na dependência de bens, processos e técnicas relativos à matéria e à sensualidade.

Quando o indivíduo começa a questionar o caminho a seguir, o que está certo ou errado, em sua vida, é sinal de que é chegada a hora de iniciar a descoberta do seu Eu Interno ou Eu Sou. Pode, então, dizer para si mesmo:

Eu não sou este corpo!

Eu não sou esta mente!

Quem sou eu?

CONVERSANDO COM O MESTRE

O Discípulo pergunta e o Mestre esclarece

1- Disc. = Quando nós, discípulos, percebemos que chegou o momento certo de conhecermos o Eu Interno?

Mestre = Precisamente quando, do seu Interior, começam a brotar perguntas como as já mencionadas: Qual o Caminho certo? ou O que é certo ou errado?, Para onde devo ir? e outras...

2- Disc. = Para conhecermos o nosso Eu Interno, temos que abandonar a personalidade?

Mestre = Não! A personalidade, tão afanosamente construída, não deve ser abandonada! Ela é útil na realização da vida individual e grupal. O que precisa ser feito é escoimá-la de escórias, de falsas ou perversas concepções, de maus hábitos e vícios, assim como de medos e incertezas...

3- Disc. = Ao iniciarmos esse Caminho, devemos ser guiados pela razão ou pelo coração?

Mestre = Sempre pelo Coração, pois ele é a sede do Ser! Mas isso não exclui que uma sã razão permeie a busca da Verdade tão almejada!

4- Disc. = Qual o papel do Intelecto nessa caminhada?

Mestre = O Intelecto é, ao mesmo tempo, vilão e herói no processo evolutivo do indivíduo. É vilão quando provoca incertezas e conduz para falsas conclusões!... É herói quando liberta das dúvidas, enveredando pelo reto Caminho da Verdade!...

5- Disc. = Ao escolhermos o Caminho, devemos recorrer a ensinamentos lidos num determinado livro ou àquele que nos vem de dentro para fora?

Mestre = Deve-se tomar conhecimento de tudo que exista e seja de alguma forma relevante. Mas cuidar sempre para que seja dada primazia ao que vem de dentro, à Intuição, que geralmente aponta para a direção acertada.

6- Disc. = Se, no meio do Caminho, por qualquer que seja o motivo, nos deparamos com uma certa insegurança, qual a atitude a tomar?

Mestre = É normal que isso aconteça várias vezes no decorrer da caminhada! O que se deve fazer é reunir as forças, fixar-se em seu Íntimo e nos Mestres, reacender a Fé em si próprio e no Guru, e esperar as respostas que certamente virão, esclarecedoras e definitivas!

7- Disc. = Quando sabemos que já estamos prontos para nos realizarmos no Eu?

Mestre = Quando o indivíduo consegue exercitar o desapego do mundo, dos atrativos da cobiça e da sensualidade, ancorando vigorosamente em seu Íntimo, pode-se dizer que realizou o Eu Superior, plenamente liberto das mazelas da matéria.

8- Disc. = Existe um sincronismo entre o invólucro e o Eu?

Mestre = Sim! À medida em que se vai vencendo os desafios representados pelos invólucros, tal como os concebemos, o Eu Interno vai se fortalecendo e afirmando no cenário existencial. Cada fase vivida e superada pelo Discípulo provoca uma reação sincrônica no Eu Individual, que evolui constantemente.

9- Disc. = Existe diferença entre o Eu Sou e o Eu Superior? Se existe, qual?

Mestre = Não! O Eu Sou, que é afirmado quando o indivíduo deixa de se identificar com o corpo físico, e busca a sua essência divina, é sinônimo de Eu Superior, porque difere substancialmente da personalidade, que é o eu pequeno ou psicológico.

10- Disc. = Qual a relação entre Eu Supremo e Deus?

Mestre = Aqui, igualmente, há identificação entre os dois termos, pois tanto Eu Supremo quanto Deus se encontram no termo SER, o qual poderia também ser designado por Ser Supremo, em contraposição aos inúmeros seres que existem.



Este jornal convidou o literato e professor ROBÉRIO CANTO para colaborar com este novel órgão de divulgação das letras e das artes de Nova Friburgo. O ilustre acadêmico aceitou prontamente, autorizando-nos ao uso de escritos existentes em seu blog e livros. Continuamos publicando seus escritos...

Ora, vírgula (Do livro “O Infinitivo e outros males” - 05.12.1998)

Enfim, pouca coisa neste mundo não pode ser perdoada. Certamente uma vírgula a mais ou a menos não figura entre os maiores crimes dos nossos tempos.

Na minha crônica da semana passada, duas vírgulas ficaram fora do lugar que lhes competia. Não querendo assumir a culpa por desastre tamanho, meu primeiro impulso foi acusar a secretária, mas logo me lembrei de que não tenho secretária. Então, a desculpa mais plausível que encontrei foi supor que as ditas vírgulas, tendo ficado próximas de palavras com as quais não mantinham bom relacionamento social ou textual, foram se arrastando pela frase, até pararem no ponto que mais agradável lhes pareceu.

Não que eu morra de vergonha por causa de uma vírgula mal colocada. George Bush foi jantar no Japão e, no melhor da lagosta, vomitou em cima do imperador. Nem por isso morreu de vergonha. Aliás, muitos brasileiros, se tivessem passado pela honrosa experiência de receber sobre si o material devolvido pelo estômago do presidente – note bem – do presidente dos Estados Unidos, guardariam o terno, de recordação. Dá até para vê-los numa roda de amigos, contando vantagens: “Estão vendo esta mancha aqui? Vocês nem vão acreditar...”

É mais ou menos o que fez Mônica Lewinski, a estagiária da Casa Branca, em cujo vestido Bill Clinton deixou uma lembrancinha do romance entre os dois. Hillary Clinton perdoou o marido por tê-la traído; Bill perdoou Mônica por, digamos assim, — sem nenhum duplo sentido – ter posto a boca no trombone; a opinião pública perdoou a ambos, e a justiça não condenou ninguém.

Então, não vamos nós nos amofinarmos por causa de uma vírgula encravada. Pouca coisa no mundo acaba sem perdão. Eu era menino quando houve um corre-corre no meu bairro. Um marido descuidado chegou da rua antes da hora prevista e deu com um homem pulando a janela do quarto. Cercado pela vizinhança, o fujão explicou que adentrara o lar alheio atendendo a gritos de socorro que vinham de lá, e que, ao sair janela afora, tentava alcançar o ladrão que assustara a digna senhora ali residente. Quanto a estar sem camisa, explicou judiciosamente que a tirara para com maior rapidez perseguir o meliante. A história foi confirmada

pela virtuosa esposa, vírgula por vírgula. E, apesar de ficar dois ou três dias zangada com o marido, ela acabou por perdoá-lo, como costumam fazer as almas generosas.

Enfim, pouca coisa neste mundo não pode ser perdoada. Certamente uma vírgula a mais ou a menos não figura entre os maiores crimes dos nossos tempos. Contudo, é verdade que há vírgulas capazes de causar até mortes. Conta-se que, durante uma batalha, um sargento mandou ao seu comandante o seguinte bilhete: “Situação desesperadora. Inimigo em situação vantajosa. Devemos recuar?” O oficial ditou a resposta: “Não avancem!” O ansejada que anotou o recado, na sua ignorância virgulística, escreveu: “Não, avancem!” Resultado: o que morreu de gente não foi brincadeira.

Eu sempre achei que a vírgula e o brasileiro não se entendem, é uma questão genética, sei lá! Na Constituinte de 88, escrevi à Assembleia sugerindo que a vírgula fosse declarada extinta em todo o território nacional. Cheguei a recolher 10.000 assinaturas a favor da ideia, mas os constituintes alegaram que, devido aos erros de colocação de vírgulas, o pedido não podia ser entendido, quanto mais atendido. Uma pena. Tratava-se de uma lei justa e necessária, de aplicação fácil e imediata.

Desde então, vivo conformado com as vírgulas que vejo espalhadas entre as palavras, como baratas que tivessem tombado mortas no lugar mesmo em que foram atingidas pelo inseticida. E tendo assim deixado clara minha opinião a respeito do tema, resta-me pedir desculpas ao leitor pelas vírgulas que, porventura ou desventura, ficaram mal situadas neste texto.

Êrro, arrependimento e perdão
Sebastião A.B. de Carvalho

Somente mentes de pessoas evoluídas são capazes de reconhecer erros, e, igualmente, só os mais evoluídos são capazes de perdoar, quando ofendidos ou de outra forma prejudicados. As religiões afirmam a excelência do perdão, e a bíblia cristã chega a mostrar que o Mestre Jesus recomendava perdoar até sete vezes sete, o que no simbolismo significa, perdoar sempre... E isso, mesmo que seja a colocação errada de uma simples vírgula, todavia causadora de mortes!